



A informação contida nesta ficha foi compilada por Jaume Portell, jornalista especializado em economia e relações internacionais, numa atividade co-financiada a 85% por fundos FEDER no âmbito do projeto [AfricanTech](#) (1/MAC/1/1.3/0088) da iniciativa INTERREG VI D MAC 2021-2027.

ANGOLA

Quadro macroeconómico:

O crescimento de Angola acompanha o ritmo do preço do petróleo. Em 2023, cresceu 0,9%, abaixo do crescimento de 3% registado no ano anterior. É o que aponta o African Economic Outlook de 2024, que cita a "queda na produção e nos preços, amortizações elevadas da dívida externa e uma desvalorização de 60% da moeda local" como as principais causas deste desempenho. O aumento do preço do petróleo após a invasão russa da Ucrânia beneficiou Angola, que registou um crescimento notável em 2022, atingindo um PIB de 106,8 mil milhões de dólares. No entanto, após a desaceleração do ano seguinte, este valor continua muito abaixo do PIB de 2011, quando o boom de produção, aliado a preços elevados, impulsionou esta cifra para os 140 mil milhões de dólares.

Dívida e moeda:

Angola, um dos maiores produtores de petróleo de África, acumulou um stock de dívida cujo serviço anual já consome 33% das suas exportações. Os credores provêm maioritariamente do setor privado (72%); o seu maior parceiro bilateral, a China, também detém 8% da dívida angolana; entre os credores multilaterais, o mais relevante é o FMI (8%). As taxas de juro elevadas (os seus títulos cotados nos mercados internacionais pagam juros anuais entre 8% e 9%) tornaram a despesa com juros numa das principais rubricas do governo. Em 2024, Angola gastou mais no pagamento de juros da dívida do que com os salários dos funcionários públicos, e em 2025 os pagamentos da dívida ultrapassarão os 13 mil milhões de dólares. A saída de dólares enfraquece estruturalmente o kwanza, a moeda local, cuja perda de poder de compra após a desvalorização se reflete nos produtos importados. A

alimentação, grande parte importada, é um dos principais motores do índice de inflação local.

Importações e exportações:

De acordo com o Fundo Monetário Internacional, mais de 80% das exportações de Angola em 2022 estavam ligadas ao petróleo. As projeções desta instituição indicam que em 2028 esta dependência pouco terá diminuído. Parte deste petróleo tem como destino o nosso país: Espanha importou cerca de 4 milhões de toneladas de petróleo bruto angolano em 2024. A maioria das exportações angolanas destina-se à China (40%), que também é o país de origem de um quarto das importações de Angola. Quase 40% das importações estão relacionadas com alimentação (trigo, arroz, frango) e energia. Apesar de produzir mais de um milhão de barris de petróleo por dia, Angola gastou, em 2023, mais de 3,4 mil milhões de dólares na importação de gasolina. O arranque da refinaria de Lobito em 2026, com apoio técnico e financeiro da China, deverá reduzir esta dependência.

Energia e eletricidade:

Com um fornecimento de 630 000 TJ, Angola está entre os 15 maiores consumidores de energia do continente. Desde 2015, o petróleo perdeu algum peso no mix energético, e os biocombustíveis passaram para o primeiro lugar, representando 45% do abastecimento energético. O petróleo ocupa a segunda posição, com 40%.

Desde o fim da guerra civil (1975-2002) no início do século, Angola multiplicou por nove a sua produção de eletricidade, aproximando-se dos 18 TWh em 2023. A energia hidroelétrica representa 74% da eletricidade gerada, enquanto o restante provém do gás e de outros combustíveis fósseis.

Defesa:

Os gastos anuais em material de defesa totalizaram 1,639 mil milhões de dólares em 2023, de acordo com o SIPRI, um instituto sueco especializado no comércio de defesa. Este valor representa 5,53% da despesa governamental. Nos momentos mais intensos da guerra civil, a percentagem do orçamento destinada à defesa chegou a ultrapassar os 20%. Desde o ano 2000, o principal fornecedor de equipamento militar de Angola tem sido a Rússia.

Demografia:

A migração interna das zonas rurais para as cidades tem sido uma das mais marcantes do continente. Em 1990, 6 em cada 10 angolanos viviam em áreas rurais. Hoje, essa proporção caiu para apenas 3. Um nome próprio explica esta distribuição: Luanda. A capital do país já alberga um quarto da população, e as projeções das Nações Unidas indicam que ultrapassará os 12 milhões de habitantes em 2030. Atualmente, 70% da população do país vive em áreas urbanas, e essa tendência deverá manter-se ou até intensificar-se nos próximos anos. Entre

1990 e 2022, Angola passou de 11,8 milhões para 36,6 milhões de habitantes. A esperança de vida aumentou de 42 anos, em 1990, para os 62 anos atuais, e metade da população tem menos de 16 anos.

Inovação tecnológica:

O uso da Internet em Angola passou, em uma década, de um fenómeno marginal (3% da população em 2010) para se multiplicar por treze, atingindo 39% da população em 2022.